

Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia

Maria Virgínia Aguiar, Emma Siliprandi e Maria Emília Pacheco

As mulheres sempre assumiram um papel de destaque na promoção da Agroecologia, seja nas áreas de produção, beneficiamento e comercialização de alimentos ecológicos, seja na geração e disseminação de conhecimentos. Com seu olhar problematizador, fazem uma leitura diferenciada da agricultura e propõem alternativas produtivas e econômicas frequentemente motivadas por questões ligadas à reprodução da vida. No entanto, devido às relações desiguais de poder entre homens e mulheres, seus saberes e experiências costumam não ser reconhecidos por pesquisadores, extensionistas, educadores, gestores, lideranças, nem sequer por suas próprias famílias. Dessa forma, os seus pontos de vista, proposições e demandas vêm sendo sistematicamente negligenciadas nos processos de desenvolvimento rural.

Buscando contribuir para a crescente visibilidade e reconhecimento da importância das mulheres na promoção da Agroecologia, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) tomaram a iniciativa de promover reflexões sobre o tema durante o VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e o II Congresso Latino-americano de Agroecologia, realizados entre 09 e 12 de novembro em Curitiba (PR). Dois momentos foram dedicados exclusivamente a essa temática: um painel sobre Gênero e Agroecologia e uma oficina intitulada *Por uma Agenda que Valorize o Papel das Mulheres na Agroecologia*.

O painel contou com a participação de Mario Godinez, da ONG Amigos de La Tierra América Latina, da Guatemala, e de Emma Siliprandi, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/Nepa). Mario relatou a experiência de sua organização em projetos agroecológicos com enfoque de gênero, mostrando

o quanto é difícil, em um país dominado pela militarização, pela migração e pelo machismo, fazer com que as lideranças, técnicos e muitas vezes as próprias mulheres internalizem as mudanças de postura necessárias para afirmar a sua autonomia e se libertarem de preconceitos de gênero. Segundo Mario, a manutenção do machismo e da violência contra as mulheres vem dificultando que a Agroecologia seja assumida como referência para um movimento de emancipação para o conjunto do campesinato. Com base em dados e informações de sua tese de doutorado, Emma Siliprandi apresentou algumas trajetórias significativas de lideranças femininas do movimento agroecológico no Brasil, elencando as dificuldades legais, institucionais e familiares que ainda existem para a afirmação das mulheres enquanto sujeitos plenos de direitos na agricultura familiar. Segundo Emma, a participação das mulheres no movimento agroecológico vem se dando por meio da articulação entre as históricas lutas feministas e as lutas ambientais no meio rural.

Duas outras organizações sociais importantes do movimento agroecológico da América Latina se associaram à ANA e à ABA-Agroecologia para organizar a oficina: o Movimento Agroecológico Latino-americano (Maela) e a Sociedade Científica Latino-americana de Agroecologia (Socla). Ambas as organizações ressaltaram o papel fundamental desempenhado pelas mulheres na Agroecologia, principalmente na conservação da agrobiodiversidade, no resgate das sementes e na segurança e soberania alimentar.

Algumas estratégias foram alinhadas nesse momento para o avanço desse debate nas organizações proponentes, entre elas:

- Incorporar a abordagem de gênero nas metodologias de pesquisa e de extensão rural.

- Identificar exemplos de pesquisas feitas pelas mulheres na Agroecologia e analisar as diferenças nas concepções metodológicas adotadas.
- Assegurar pelo menos 50% de participação das mulheres em todos os espaços políticos relativos à Agroecologia.
- Considerar a perspectiva de gênero nas sistematizações de experiências em Agroecologia.
- Realizar um mapeamento das experiências educativas que tratam sobre o tema gênero.
- Incluir uma área temática denominada Mulheres e Agroecologia na *Revista Brasileira de Agroecologia*, da ABA-Agroecologia.
- Submeter as políticas públicas à análise a partir do enfoque de gênero.
- Divulgar informações sobre metodologias de trabalho com mulheres e com enfoque de gênero.
- Buscar uma maior participação das mulheres em todos os debates a serem realizados nos próximos congressos.
- Realizar uma conferência abordando o tema Gênero e Agroecologia no próximo Congresso Brasileiro de Agroecologia.

Além dos espaços específicos para o debate sobre relações de gênero na Agroecologia, o tema foi abordado em outros momentos durante os congressos. Pôsteres e apresentações orais, por exemplo, exibiram trabalhos e experiências que enfocavam a participação das mulheres na Agroecologia. O documento político do evento – a Carta Agroecológica de Curitiba – também ressaltou a importância das mulheres para



Fotos: Arquivo ABA-Agroecologia

Plenária da Oficina de Gênero e Agroecologia no Congresso Brasileiro de Agroecologia

a construção da Agroecologia, lembrando ainda que a questão da violência contra as mulheres, tão presente nos países latino-americanos, não pode ficar ausente das discussões do campo agroecológico, já que é fator decisivo para a garantia de sua cidadania em todos os espaços sociais. Cabe ressaltar que foram raras as vezes que o tema das relações de gênero foi incorporado às atividades centrais dos Congressos Brasileiros de Agroecologia. Nesse sentido, esses momentos revelam um avanço significativo desse último evento, muito embora apenas quinze mulheres tenham sido convidadas a participar como palestrantes ou como facilitadoras (21% do total).

As discussões evidenciaram que a Agroecologia não cumprirá seu propósito de ser uma referência para o desenvolvimento rural equitativo e sustentável se não se ocupar, na teoria e na prática, do reconhecimento das contribuições das mulheres e das questões que dificultam a sua participação como sujeitos plenos de direitos, tanto na vida social como na atividade produtiva e na construção do conhecimento agroecológico. Esse aspecto merece especial realce uma vez que, frequentemente, as reflexões sobre gênero não são consideradas tão relevantes para o avanço da Agroecologia como ciência quanto os estudos sobre a dimensão do manejo técnico dos agroecossistemas.

Além disso, o debate acadêmico ainda ignora o papel e a contribuição das mulheres na produção de conhecimentos. Poucas participam nas discussões ou assumem postos de decisão; os espaços para abordar questões específicas das mulheres são considerados secundários em relação às agendas masculinas (entendidas como representativas do interesse de todos); e ainda são frequentes as lamentáveis manifestações machistas e de desvalorização das mulheres proferidas por técnicos, pesquisadores e extensionistas.

Diante dessa realidade, a repercussão positiva das atividades realizadas no VI CBA indica que já era tempo de realizar ações concretas de inclusão de gênero para que a Agroecologia, enquanto Ciência, atue em prol da transformação social, sendo coerente com seus propósitos emancipatórios e de equidade social. A questão de gênero deve ser incorporada como um tema estruturador dos processos de construção do



Palestra de Emma Siliprandi

conhecimento agroecológico pela ABA-Agroecologia, o que pode se dar por dois caminhos: 1) o reconhecimento pelos setores de ensino, pesquisa e extensão do papel das mulheres na promoção da Agroecologia e das agriculturas de base ecológica; 2) divulgar as trajetórias das mulheres na construção do conhecimento agroecológico, sejam elas pesquisadoras, extensionistas, técnicas ou educadoras. Ambas as orientações devem partir da seguinte reflexão: Não estaríamos reproduzindo na Agroecologia uma cultura científica que exclui as mulheres, invisibiliza sua contribuição para a produção do conhecimento e reforça desigualdades de poder?

Maria Virgínia A. Aguiar
diretora da ABA Agroecologia e consultora
do MDA/SAF/DATER
maria.aguiar@mda.gov.br

Emma Siliprandi
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/Nepa)
emma.siliprandi@gmail.com

Maria Emília Pacheco
assessora da FASE e integrante do Núcleo
Executivo da ANA
memilia@fase.org.br